



IX JORNADA ACADÊMICA DO HUPAA

SAÚDE DIGITAL: EM QUE PODEMOS AVANÇAR?

O USO DA TECNOLOGIA DIGITAL A FAVOR DO ACOLHIMENTO PSICOLÓGICO NO RECONHECIMENTO DE CORPOS DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

DIGITAL TECHNOLOGY USES IN FAVOR OF PSYCHOLOGICAL ACKNOWLEDGMENT IN BODY RECOGNITION DURING THE COVID-19 PANDEMIC

Vanessa Ferry de Oliveira Soares

Hospital Universitário Professor Alberto Antunes, Maceió - AL, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-6926-7980>

Adriana Rêgo Lima Costa

Hospital Universitário Professor Alberto Antunes, Maceió - AL, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-2901-222X>

Fabio Alves dos Santos

Hospital Universitário Professor Alberto Antunes, Maceió - AL, Brasil
<https://orcid.org/0000-0003-3268-0066>

Sarah Lins de Barros Moreira

Hospital Universitário Professor Alberto Antunes, Maceió - AL, Brasil
<https://orcid.org/0000-0003-4310-5251>

Michele Morgana da Silva Souza

Hospital Universitário Professor Alberto Antunes, Maceió - AL, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-1477-1805>

Ruthleia da Silva Soares

Hospital Universitário Professor Alberto Antunes, Maceió - AL, Brasil
<https://orcid.org/0009-0003-7896-0810>

Resumo: Este trabalho possui como objetivo compreender o uso de tecnologia digital como instrumento facilitador do trabalho do psicólogo no reconhecimento de corpos durante a pandemia da COVID-19. Para isso, foi utilizada uma metodologia qualitativa, baseada em relato de experiência. Os dados foram coletados a partir das anotações escritas em diário de bordo por duas psicólogas que vivenciaram o processo de reconhecimento de corpos. Os dados foram discutidos considerando o aporte teórico do construcionismo social e da análise do discurso. Da compreensão das anotações surgiram três categorias de discursos: distanciamento de entes e privação do cuidado; rituais de luto prejudicados; reconhecimento dos corpos por fotos. Observou-se que o trabalho do psicólogo no contexto da pandemia precisou ser reinventado a partir do emprego de tecnologia digital, a qual serviu como instrumento facilitador de elaboração do luto da família pela perda do ente querido. Diante disso, a Psicologia Hospitalar Brasileira marcou sua contribuição consubstancialmente na



IX JORNADA ACADÊMICA DO HUPAA

SAÚDE DIGITAL: EM QUE PODEMOS AVANÇAR?

pandemia, auxiliando para que famílias de paciente hospitalizados e que vieram a óbito pudessem ver seus familiares, reconhecê-los e se despedir, o que impactou diretamente na elaboração do luto da família.

Palavras-chave: reconhecimento de corpos; COVID-19; luto; psicologia hospitalar.

Abstract: This work aims to understand the digital technology use as a facilitator of the psychologist's work in body recognition during the COVID-19 pandemic. For this, a qualitative methodology was used, based on an experience report. Data were collected from notes written in the logbook by two psychologists who experienced the body recognition process. Data were discussed considering social constructionism and discourse analysis theoretical contribution. From the understanding of the notes, three categories of speeches emerged: distancing from loved ones and deprivation of care; impaired mourning rituals; recognition of bodies by photos. It was observed that the work of the psychologist in the context of the pandemic had to be reinvented using digital technology, which served as a facilitator in the elaboration of the family's mourning for the loss of a loved one. In view of this, Brazilian Hospital Psychology made a substantial contribution to the pandemic, helping families of hospitalized patients who died to see their relatives, recognize them and say goodbye, which directly impacted the elaboration of the family's grief.

Keywords: body recognition; COVID-19; grief; hospital psychology.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe a realizar um relato de experiência sobre o uso de tecnologia como instrumento facilitador do acolhimento psicológico no reconhecimento de corpos durante a pandemia da Covid-19. Para tanto, recorreremos aos diários de campo elaborados por duas autoras, no exercício da assistência em uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI)- Covid-19 de um hospital de ensino e assistência situado em Maceió, capital de Alagoas. Sendo, portanto, um relato da experiência pautado nos registros pessoais de cada pesquisador(a), não houve necessidade de tramitação em comitê de ética.

A pandemia da Covid-19, vivenciada com mais intensidade no sistema de saúde nos anos de 2020 e 2021, trouxe para os profissionais da área da Saúde a demanda emergencial de mudanças rápidas de processos de trabalho. Dentre as mudanças, alterações significativas ocorreram na abordagem da morte em âmbito hospitalar. No hospital público de ensino e assistência que serviu de cenário para este estudo foram criadas equipes multiprofissionais para a comunicação de notícias difíceis (anteriormente abordadas com o termo más notícias) e adotadas medidas para os cuidados de redução do risco de contágio, que incluíam: o isolamento da pessoa usuária contaminada, que permanecia no hospital sem acompanhante, o reconhecimento de corpos por fotos e a dispensação do





IX JORNADA ACADÊMICA DO HUPAA

SAÚDE DIGITAL: EM QUE PODEMOS AVANÇAR?

corpo em caixão vedado. Para profissionais de psicologia, os processos de trabalho passaram a incluir com mais frequência o trabalho do luto e a temática da morte.

No ano de 2020, a Fiocruz publicou a cartilha “Orientações às/aos Psicólogas/os Hospitalares” (Brasil, 2020). Este documento funcionou como marco histórico, pois, pela primeira vez no Brasil, foram estabelecidos parâmetros para cálculo de quantitativo de profissionais por leito para a atuação em psicologia hospitalar, bem como abordou o reconhecimento de corpos e o uso de tecnologias como elementos da rotina dos serviços de psicologia em saúde.

A mudança na rotina da assistência de um hospital de ensino e assistência que compõe a Rede da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH), em uma capital do nordeste brasileiro, foi registrada em diários de campo e analisadas sob o referencial metodológico do Construcionismo Social, através da análise de discursos e produção de sentidos (Spink; Medrado, 2013).

Para Diehl, Maraschin e Tittoni (2006), a construção dos diários de campo não se volta para descrição e delimitação de uma pretensa realidade, mas envolvem um arcabouço das experiências produzidas pelo encontro das diferenças, que passam a instigar pensamentos e visibilizar desafios. É uma ferramenta de tensionamento da experiência – uma vez que sua escrita, permeada pela intensidade das expressões advindas da experimentação, produz a interlocução subjetiva na escrita acadêmica.

O conteúdo dos diários propicia, então, uma reflexão sobre o significado e a complexidade da experiência, bem como o estabelecimento de conexão entre as observações de campo e a análise dos dados coletados. Potencialmente, este instrumento serve de indicativo quanto ao alcance dos objetivos propostos (Diehl; Marraschinni; Titoni, 2006).

2 DESCRIÇÃO DO CASO OU TÉCNICA / DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Os diários analisados convergem para três grupos de discursos, que envolvem repertórios linguísticos sobre: distanciamento de entes e privação do cuidado; rituais de luto prejudicados; reconhecimento dos corpos por fotos. Nestes, algumas histórias sobre a experiência sob a ótica das profissionais de psicologia foram contadas e serão trazidas ainda neste tópico.



IX JORNADA ACADÊMICA DO HUPAA

SAÚDE DIGITAL: EM QUE PODEMOS AVANÇAR?

Na situação de pandemia, todo contato físico é restrito, devendo ser evitado, como medida de contenção da propagação do vírus (Kraemer *et al.*, 2020). Na pandemia da Covid-19 a hospitalização na instituição estudada delimitou-se com a restrição à presença de acompanhantes para pacientes contaminados. Em sequência, o contato telefônico com familiares foi uma das primeiras medidas tomadas para viabilizar o acolhimento humanizado. Nestas ligações telefônicas era disponibilizada escuta psicológica de forma remota, trabalhando os conteúdos emergidos sobre medos, incertezas e luto. Os diários apontam que os primeiros atendimentos versaram sobre a angústia frente ao distanciamento físico, bem como sobre a perspectiva da dificuldade em aceitar que o ente internado seria capaz de oferecer risco à saúde.

As primeiras ocorrências de óbito de pacientes internados acometidos por Covid-19 se deram antes que fossem estabelecidos parâmetros seguros quanto ao reconhecimento de corpos e as profissionais ressaltaram em seus diários que os corpos foram liberados em caixões lacrados, para as empresas funerárias, sem que ocorresse o devido reconhecimento. Um trecho de um diário exemplifica: “Como foi estranho! Ficou aquele silêncio, um vazio. Eu também desconfiaria, se recebesse um parente assim.”

Então foram estabelecidos novos processos de trabalho. O fluxo iniciou com o envio das fotos para o aparelho telefônico de uma das psicólogas, até que fosse obtido um aparelho celular para uso em serviço.

3 DISCUSSÃO COM REVISÃO DE LITERATURA

Os relatos apontam que o recebimento das fotos de pacientes sem vida gerava desconforto emocional nas profissionais:

“É tudo muito diferente, tudo muito restrito. Estamos aprendendo a estruturar o serviço enquanto as coisas estão acontecendo. Mas têm práticas que é preciso questionar, exercitar se colocar no lugar do outro, buscar fazeres mais assertivos.”
(Diário de campo 03, 2020)

Para além do hospital, na sociedade, as restrições de contato também impactaram os rituais de elaboração do luto, como velório, sepultamento e o próprio reconhecimento dos corpos. O corpo,



IX JORNADA ACADÊMICA DO HUPAA

SAÚDE DIGITAL: EM QUE PODEMOS AVANÇAR?

interditado por uma ordem social atípica, pandêmica, foi amplamente substituído, em todo o mundo, pela fotografia. E as imagens ganham novos sentidos na compreensão das práticas sociais (Sanfelicio, 2022).

Gradativamente os fluxos de trabalho foram sendo alinhados e passou a constituir-se da seguinte forma: na posse de um aparelho telefônico a enfermeira responsável pelos últimos cuidados ao corpo, capta a imagem por fotografia e encaminha para uma pasta da rede interna de computadores do hospital e para o celular institucional. Após o recebimento da imagem é apresentada a foto aos familiares das/os pacientes. A família é convidada a assinar o termo de reconhecimento do corpo por foto. Em casos atípicos, em que o familiar mesmo tendo sido esclarecido dos perigos de contaminação solicita o reconhecimento presencial, então este assina o termo de ciência e responsabilidade pelos riscos.

Neste contexto, algumas histórias emergiram nos diários de campo que sensibilizaram os autores, como os reiterados casos de famílias que não queriam abrir mão do reconhecimento presencial mas, após concordarem em ver a foto, ponderavam sobre a exposição ao risco e dispensavam o contato físico com o corpo. Também foi recorrente nos relatos o pedido por parte de familiares de que os/as profissionais participassem de uma oração coletiva, fazendo um fechamento ritualístico conforme a religião de cada um/a. Consideramos que assim, tentavam equilibrar e compensar o prejuízo da ausência dos rituais de velório e enterro. Segundo Dias *et al* (2020), dentro do processo de finitude de vida, a espiritualidade e/ou a religiosidade mostram ser um apoio relevante, que afeta a saúde física e mental da pessoa enlutada.

Vale ressaltar que os diários convergiram quanto ao tempo prolongado de atendimento, sendo em média de duas a três horas cada. Isso nos permite refletir que a elaboração do luto no momento da comunicação de uma notícia difícil demanda tempo. Consideramos que isto se dá para que ocorra a assimilação da notícia, a expressão das emoções e, ainda, a validação dos sentimentos que emergem neste processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pretendeu refletir sobre o como a pandemia da COVID-19 exigiu uma práxis psicológica inovadora no campo da saúde pública brasileira. O reconhecimento de corpos de entes



IX JORNADA ACADÊMICA DO HUPAA

SAÚDE DIGITAL: EM QUE PODEMOS AVANÇAR?

queridos por suas famílias, intermediados por tecnologias digitais, explicitou a necessidade de reformular processos de trabalho instituídos e criar um novo lugar profissional no hospital.

Observou-se que o trabalho do psicólogo no contexto da pandemia precisou ser reinventado a partir do emprego de tecnologia digital, a qual serviu como instrumento facilitador de elaboração do luto da família pela perda do ente querido. Diante disso, a Psicologia Hospitalar Brasileira marcou sua contribuição substancialmente na pandemia, auxiliando para que famílias de paciente hospitalizados e que vieram a óbito pudessem ver seus familiares, reconhecê-los e se despedir, o que impactou diretamente na elaboração do luto da família.

Assim, este trabalho contribui para a reflexão de uma das práticas do psicólogo no contexto da pandemia. Apesar disso, constata-se que por se tratar de algo recente e inovador, novos estudos e compreensões necessitam ser realizados, a fim de consubstanciar, ainda mais, a atuação da psicologia no cenário brasileiro.

REFERÊNCIAS

DIAS, Fabio Araujo *et al.* Espiritualidade e saúde: uma reflexão crítica sobre a vida simbólica. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 5, p. e52953113-e52953113, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/3113> Acesso em: 7 jul. 2023.

DIEHL, R.; MARASCHIN, C.; TITTONI, J. Ferramentas para uma Psicologia Social. **Psicologia em Estudo**, v.11, n. 2, p.407-415, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/ZSYqXth6gHL9nhhzNj4hXNs/abstract/?lang=pt>.

KRAEMER, M. U. G. *et al.* The effect of human mobility and control measures on the COVID-19 epidemic in China. **Science Preprints**, v. 348, p. 493–497, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1126/science.abb4218>. Disponível em: <https://www.science.org/doi/10.1126/science.abb4218?cookieSet=1>. Acesso em: 20 out. 2022.

SANFELICIO, M. K. Fotografando o impossível: ritos e imagens da morte produzidas durante a pandemia de Covid-19 no Brasil. **Ponto Urbe** v. 1, n. 30, 2022. DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.11882>. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/11882>. Acesso em: 24 ago. 2023.

SPINK, M. J.; MEDRADO, B. Produção de Sentidos no Cotidiano. In: SPINK, M. J. (org). **Práticas Discursivas e Produção de Sentido no Cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013.